

A QUESTÃO DA
DISCIPLINA

Monografia apresentada como exigência para aprovação no Curso de Sistemática do Trabalho Individual e de Grupo.

EP-150

Lavínia de Souza Felix

UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTÉCA

Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

UNICAMP - 1989

"Não são apenas os prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiras. As crianças sofrem uma infantilização que não é a delas. Nesse sentido, é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões..."

Michel Foucault
Microfísica do Poder

ÍNDICE

	Pág.
Introdução	
1. Disciplina segundo Michel Foucault	1
1.1 A Disciplina em relação ao Espaço: o Jogo da Repartição Espacial	2
1.2 A Disciplina e o Controle da Atividade	3
1.3 A Disciplina e a Organização das Gêneses: Acumulação do Tempo	3
1.4 A Disciplina e a Composição das Forças	4
2. Vigilância e Punição na Escola	5

Notas

Bibliografia Consultada

Bibliografia Geral

Introdução

Atuando como professora já há alguns anos, muitas e muitas vezes me perguntei sobre a questão da disciplina escolar. Era algo que, a meu ver, parecia restrito à escola e às situações de sala de aula. Não sabia quanto esse assunto era amplo.

Ao entrar em contato com a obra de Michel Foucault, pude constatar as relações que existem entre as diversas instituições de nossa sociedade. Essas relações convergem para um ponto comum: a disciplina, a qual produz corpos treinados para a observância de leis, normas, regulamentos, avisos. Disciplina "sob medida" para um passado recente de nossa história.

1. Disciplina segundo Michel Foucault

No livro "Vigiar e Punir", o autor Michel Foucault se interessa pelo aparecimento de uma tecnologia própria de controle que incidia sobre os corpos dos indivíduos. Ele fala sobre o controle disciplinar exercido pela sociedade, um trabalho de controle minucioso sobre o corpo e a vida dos indivíduos, manipulando seus gestos, seus espaços, seu tempo, suas atividades.

"Este tipo específico de poder se encontrava não apenas na prisão, mas em outros lugares como o hospital, o exército, a fábrica, a escola, etc."⁽¹⁾

Com o desaparecimento dos suplícios entre 1830 e 1848, "o poder disciplinar" atua não mais diretamente sobre o sofrimento físico, mas sobre o adestramento do corpo, exercendo pressão sobre o intelecto, a vontade, as disposições dos indivíduos. "Em lugar dos carrascos, surge uma tecnologia nova de controle ativada por guardas, médicos, capelães, psiquiatras, psicólogos, educadores"⁽²⁾ Esses métodos, que permitem o controle detalhado das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas.⁽³⁾

O surgimento da disciplina, tal como descreve Michel Foucault, não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Seria uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de lugares e origens diversas, que se repetem, se imitam e convergem aos poucos para um método geral. Nós o encontramos nos colégios, nas escolas primárias, nos hospitais e exércitos.

Pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos

corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo de repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). Vejamos a seguir cada uma delas.

1.1 A Disciplina em relação ao Espaço:
o Jogo da Repartição Espacial

A disciplina se preocupa com a distribuição dos indivíduos no espaço. Cada pessoa no seu lugar, e em cada lugar, uma pessoa. O espaço disciplinar se divide em tantas parcelas quantos corpos ou elementos há a repartir.

Saber onde e como achar os indivíduos, vigiar o comportamento de cada um, rompendo as ligações perigosas e criando espaços úteis. Michel Foucault refere-se aqui ao nascimento da grande indústria e à decomposição individualizante da força de trabalho.

Na escola cada aluno se define pelo lugar que ocupa na série, pela posição nas filas, pelas tarefas, provas, sucessão de assuntos.

A distribuição espacial permite descobrir uma série de distinções entre os alunos de acordo com os seus temperamentos, aplicação nos estudos, condição econômica dos pais, etc. (

"Haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixo... Cada um dos alunos terá seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocará sem o ordem e o consentimento do inspetor das escolas".⁴

1.2 A Disciplina e o Controle da Atividade

O rigor do horário é uma característica das escolas, das oficinas, dos hospitais. Com a revolução industrial ele passa a ser medido e pago, deve ser um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício.

Nas escolas, a divisão do tempo torna-se cada vez mais detalhada, impondo ritmo e regularidade às atividades. As atividades nas escolas primárias são, em sua maioria, compostas de ordens que devem ser obedecidas imediatamente:

"À última pancada do relógio, um aluno baterá o sino, e ao primeiro toque, todos os alunos se porão de joelhos, com os braços cruzados e os olhos baixos. Terminada a oração, o professor dará um sinal para os alunos se levantarem, um segundo para saudarem Cristo, e o terceiro para se sentarem".⁽⁵⁾

1.3 A Disciplina e a Organização das Gêneses:

Acumulação do Tempo

"As disciplinas que analisam o espaço, que decompõem e recompõem as atividades, devem ser também compreendidas como aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo".⁶

"O tempo dos indivíduos deve ser capitalizado e controlado. Isto é feito pela composição do tempo em seqüências, separadas e ajustadas".⁷ Essas seqüências são organizadas numa sucessão de elementos dos mais simples aos mais complexos, sendo fixado um termo final marcado por uma prova que indica e diferencia a capacidade de aprendizagem de cada indivíduo".⁽⁸⁾

"O tempo disciplinar se impõe à prática pedagógica organizando as séries separadas uma das outras por provas graduadas especificando programas e exercícios de dificuldade crescente qualificando os indivíduos de acordo com a ma

neira como percorrem essas séries".⁹⁾

"As técnicas disciplinares dirigem o comportamento dos indivíduos, impõem aos corpos tarefas repetitivas, graduadas, orientadas, cumulativas, que possibilitam a gênese dos indivíduos e, conseqüentemente, sua caracterização, seja em relação a um estado final, a outros indivíduos, ou a um tipo de percurso".¹⁰⁾

1.4 A Disciplina e a Composição das Forças

A disciplina, além de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, deve também compor forças para obter um aparelho eficiente.

Foucault afirma que essa combinação de forças exige um sistema preciso de comando. As ordens não são explicadas; o que importa é perceber o sinal e reagir logo a ele. São usadas poucas palavras, silêncio total só interrompido por sinais: sinos, gestos, palmas, olhares dos mestres. O aluno precisará saber os códigos dos sinais e atender a cada um deles, legitimando a técnica de comando e a moral da obediência.

O tempo de uns deve-se ajustar ao tempo de outros de maneira que se possa extrair a máxima quantidade de forças de cada um e combiná-las num resultado ótimo. No ensino primário, este sistema é amplamente utilizado.

"O primeiro e principal uso do sinal é atrair de uma só vez os olhares dos escolares para o mestre e fazê-los ficar atentos ao que ele lhes quer comunicar. Assim, toda vez que este quiser chamar a atenção das crianças e fazer parar qualquer exercício, baterá uma vez. Um bom escolar, toda vez que ouvir o ruído do sinal pensará ouvir a voz do mestre ou antes a voz de Deus mesmo que o chame pelo nome".¹¹

2. Vigilância e Punição na Escola

Na escola funciona o pequeno mecanismo penal. O que a justiça, com suas leis próprias, deixa escapar, a escola qualifica e reprime. A título de punição, é utilizada uma série de processos, desde um castigo físico leve, a privações ligeiras e pequenas humilhações. "Pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, tudo que é capaz de humilhá-las, de confundí-las:... uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto".¹²

A repressão se exerce através de micropenalidades, que dizem respeito a:

- . Tempo: desatenção, negligência, falta de zelo;
- . Maneira de ser: grosseria, desobediência;
- . Discursos: tagarelice, insolência;
- . Corpo: sujeira, gestos não conformes;
- . Sexualidade: imodéstia, indecência.¹³

O ambiente escolar é também um local de observação em 2 sentidos: no de vigilância e no conhecimento de cada aluno. Ser observado e avaliado passa a ser um meio de controle e de dominação. Todo o corpo docente, o diretor, os funcionários e os próprios alunos participam desse processo. É muito comum alunos considerados "bonzinhos" delatarem os outros que conversam muito, que depredam a escola.

As pessoas passam a aceitar a punição como algo natural e legítimo. Na escola, o aluno é induzido a sentir-se vigiado e controlado. A vigilância e a punição passam a fazer parte do processo pedagógico e, nesse sentido, são até mais efetivos do que a aprendizagem propriamente dita.

O fracasso escolar é evidente para toda a sociedade.

de. No entanto, a escola tem tido sucesso enquanto instituição normalizadora, com a função de classificar, de hierarquizar, de distribuir lugares. A escola, ao fracassar como instituição, só reforça as diferenças trazidas pelos alunos, discriminando os bons dos maus, os comportados dos indôceis, os inteligentes dos menos dotados. A nossa atual escola cria, com suas práticas pedagógicas, mecanismos de controle de comportamentos, efetuando-se sobre eles uma vigilância constante. Esses mecanismos de controle servem principalmente àqueles que nos constituíram professores.

Notas

1. Michel Foucault. Vigiar e Punir (6ª edição, Petrópolis, Vozes, 1988), p. 135.
2. Áurea M. Guimarães. Vigilância, Punição e Depredação Escolar (Campinas, Papirus, 1985), p. 26.
3. Michel Foucault. Vigiar e Punir, p. 126.
4. J. B. de La Salle. Conduite des Écoles Chrétiennes, B. N. Ms 11759, p.p. 248-249. In: Michel Foucault. Vigiar e Punir, p. 135.
5. Idem, ibidem, p.p. 27-28. In: Michel Foucault. Vigiar e Punir, p. 137.
6. Michel Foucault. Vigiar e Punir, p.p. 142-143.
7. Idem, ibidem, p. 142.
8. Idem, ibidem, p. 143.
9. Idem, ibidem, p. 144.
10. Idem, ibidem, p. 145.
11. J. B. de La Salle. Conduite des Écoles Chrétiennes, 1828, p.p. 137-138. In: Michel Foucault. Vigiar e Punir, p. 150.
12. J. B. de La Salle. Conduite des Écoles Chrétiennes, 1828, p.p. 204-205. In: Michel Foucault. Vigiar e Punir, p. 160.
13. Michel Foucault. Vigiar e Punir, p. 159

Bibliografia Consultada

- 1- CECCON, Claudius e outros. A Vida na Escola e a Escola da Vida (2ª ed.) Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.
- 2- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir (6ª ed.) Traduzido por Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.
- _____. Microfísica do Poder. Traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- 3- GUIMARÃES, Áurea M. Vigilância, Punição e Depredação Escolar. Campinas: Papyrus, 1985.
- 4- HARPER, Babette e outros. Cuidado, Escola: Desigualdade, Domesticação e algumas Saídas (6ª ed.) São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

Bibliografia Geral

- 1- CECCON, Claudius e outros. A Vida na Escola e a Escola da Vida (2ª ed.) Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.
- 2- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir, (6ª ed.) Traduzido por Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.

. Microfísica do Poder. Traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Grãal, 1979.
- 3- GUIMARÃES, Áurea M. Vigilância, Punição e Depredação Escolar. Campinas: Papyrus, 1985.
- 4- HARPER, Babette e outros. Cuidado, Escola: Desigualdade, Domesticação e algumas Saídas. (6ª ed.) São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.
- 5- PATTO, Maria Helena Souza. Psicologia e Ideologia: uma Introdução Crítica à Psicologia Escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.